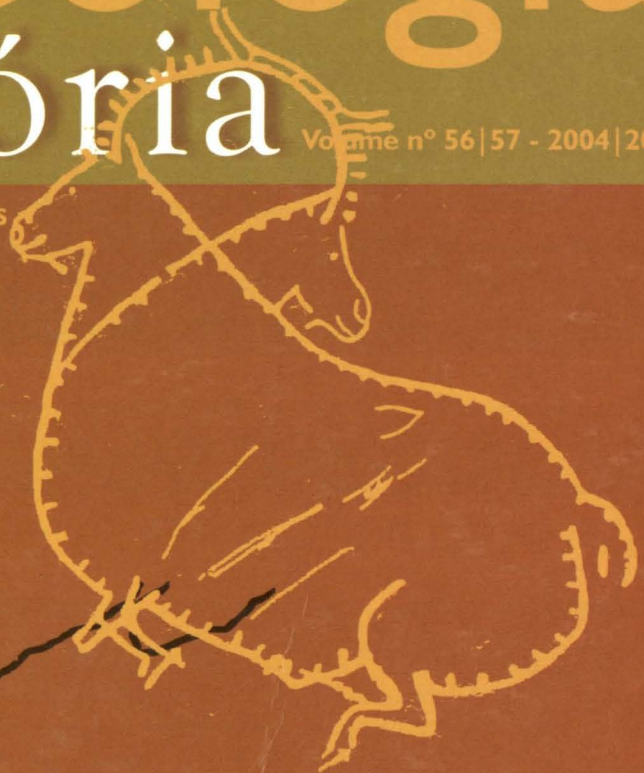


Arqueologia & História

Volume nº 56|57 - 2004|2005

Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses



Vale do Côa 10 ANOS



Interpretação das facas ovóides (foicinhas) através do estudo dos exemplares de Vila Nova de S. Pedro

Gonçalo Amaro

Artigo baseado no
trabalho de fim de licenciatura
apresentado na Universidade
Nova de Lisboa em Junho de
2004.

As facas ovóides, vulgarmente denominadas na bibliografia de foicinhas ou lâminas ovóides, são artefactos de pedra de retoque bifacial com uma presença assídua nas jazidas pré-históricas desde o Neolítico Final até à Idade do Bronze, atingindo o seu apogeu no período Calcolítico. Este artigo é baseado no estudo dos exemplares presentes na Associação dos Arqueólogos Portugueses fruto das escavações de Afonso do Paço em Vila Nova de São Pedro. Pretendemos para além da descrição dos artefactos de Vila Nova, propor uma tipologia e discutir sobre a sua utilidade e provável função.

As facas ovóides¹ aparecem com alguma frequência em estações arqueológicas atribuídas ao Calcolítico (III milénio a.C.), nomeadamente na região estremenha do nosso país. Na sua maioria são produzidos em sílex, mas também o podem ser em quartzito, quartzo leitoso e quartzo hialino (Vicente e Serrão, 1980: 11). Os seus gumes afiados e retocados indicam que teriam como função o corte. Mas serviriam para cortar o quê? Esta tem sido a pergunta a que muitos investigadores têm tentado responder: armas, elementos de foice e facas de uso doméstico têm sido as hipóteses aventadas.

Palavras-chave: facas ovóides; foicinhas; Vila Nova de São Pedro; indústria lítica; Calcolítico.

¹ Alguns autores usam ainda as denominações propostas pelo abade Breuil – foicinhas, e por Prescott Vicente e Cunha Serrão – lâminas ovóides. Preferimos o termo faca ovóide, aplicado por João Zilhão (1994), por considerarmos que de facto este termo define a sua função (como demonstraremos ao longo deste trabalho), e em segundo lugar por verificarmos que o termo lâmina não parece adequado à tipologia destas peças. Como refere António Carvalho: «(...) apesar de muitos autores se referirem às "foicinhas" ovais como lâminas, este hábito deve seguramente estar relacionado com a morfologia do utensílio e a função que lhe tem sido atribuída e não com o tipo de suporte sobre o qual são feitas» (Carvalho, 1996:45).

As dimensões são muito variadas que vão desde os 3 cm aos 14 cm de comprimento, o mesmo se passa com a largura, valores entre os 1,5 cm e os 5 cm, e com a espessura, entre os 0,3 cm e os 1,6 cm. É certamente plausível que algumas destas peças fossem encabadas tal com propõem Prescott Vicente e Cunha Serrão (Fig.2). Normalmente apresentam forma ovóide, daí o seu nome, todavia, denotam alguma variabilidade, sendo algumas rectangulares e outras combinado a forma oval com a rectangular, dentro destas formas, podem ainda ser identificados alguns subtipos segundo os seus volumes: proximal, mesial e distal. Apesar de disporem de largo número de dimensões e formas, estas peças, mantêm o mesmo tipo de talhe bifacial rasante (Inisant *et al.*, 1995: 43-45) e apresentam um retoque cobridor, apresentando nos gumes retoque contínuo e descontínuo directo, (Brézillon, 1997:107-123), o bolbo da peça é eliminado por retoque basal inverso (Inisant *et al.*, 1995: 83-89). Só após a obtenção do contorno da peça, contorno esse que é oval ou sub rectangular tem lugar o retoque, realizado por pressão, implicando por vezes o tratamento térmico da peça e o polimento das superfícies (Carvalho, 1996: 45).

Convém ainda referir que estas peças, tal como a maioria da indústria lítica deste período, apresentam fases no seu fabrico: numa primeira fase procedia-se à recolha da matéria-prima e ao talhe de pequenos blocos, provavelmente no próprio local de recolha da pedra, só numa segunda fase é que se procedia a debitagem do bloco e era realizada a respectiva fabricação (polimento, aquecimento e retoque em «pelada») (Zilhão, 1994; Carvalho, 1996 e Forenbaher, 1998).

As Opiniões do passado

A primeira denominação atribuída a este tipo de artefacto foi a de *hacha*, outorgada por Carlos Ribeiro no ano de 1878, aquando da publicação das suas anotações sobre as escavações no povoado Leceia, onde foram encontrados vários exemplares de facas ovóides (Vicente e Serrão, 1980, pp.14-15). Mais tarde, em 1939, Eugénio Jalhay e Afonso do Paço apresentaram as suas “*notas sobre a 1ª e 2ª campanha de escavações*” em Vila Nova de São Pedro. Neste trabalho encontramos, no ponto referente à indústria lítica, as facas ovais classificadas como pontas de lança ou de punhal, inspirados nas obras de, Siret (1907), Schmidt (1915) e O’ Ríordáin (1937), sobre peças similares, que defendiam: o primeiro, que estas lâminas eram inspiradas nas pontas

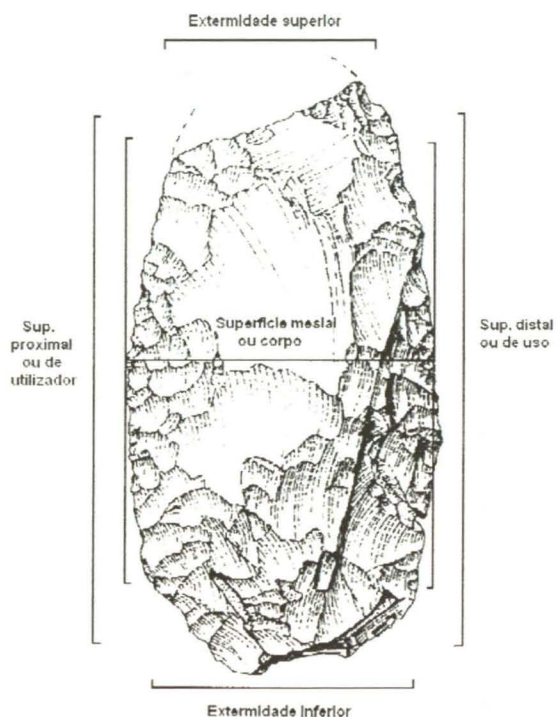


Figura 1 - Algumas propostas de encabamento de peças semelhantes às lâminas ovóides (Cunha e Serrão, 1980, p. 23)

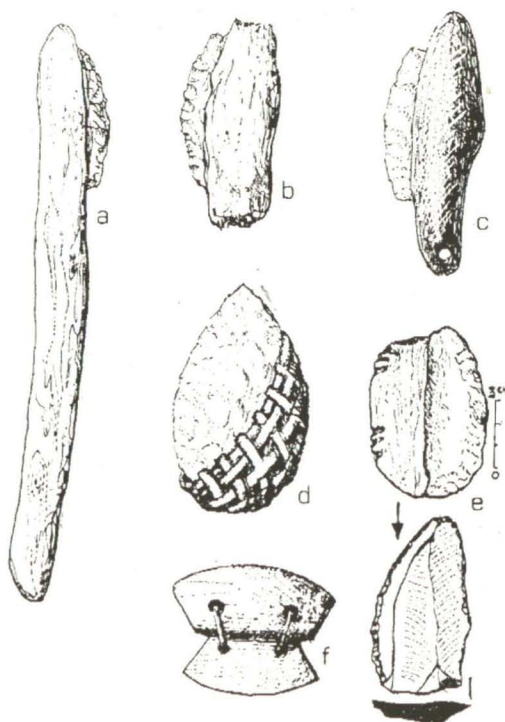


Figura 2 - Algumas propostas de encabamento de peças semelhantes às lâminas ovóides (Cunha e Serrão, 1980: 23).

de lança e de punhal metálicas co-existentes, e os dois últimos, o contrário, ou seja, que estas peças eram precursoras das suas similares em bronze (Jalhay e Paço, 1970: 240). Contudo, os dois arqueólogos portugueses pareciam não estar muito confiantes na sua classificação, só assim se justifica o câmbio de opinião, verificado aquando da apresentação das seguintes notas, sobre Vila Nova de São Pedro, onde as lâminas ovóides passam da designação de pontas de punhal ou lança² a foices:

“O Prof. Henri Breuil é da opinião que se devem chamar foices aos objectos que na primeira publicação incluímos no grupo das lanças ou punhais, baseados nos estudos de Schimdt e O’Riordáin. Funda-se aquele ilustre pré-historiador no facto de apresentarem uma pátina acentuadamente lustrosa, resultante do uso prolongado da ceifa.

Trata-se de uma opinião muito respeitável que nos apraz deixar aqui consignada” (Jalhay e Paço, 1970a, p.286).

Como se pode observar nesta altura as teorias eram lançadas com muita facilidade, e por vezes a opinião de um prestigiado investigador acabava por ter influência nas conclusões. De facto, assim acabou por suceder e nos restantes trabalhos sobre VNSP, Jalhay e Paço seguiriam a teoria do abade Breuil das foices ou foicinhas, assim como a maior parte dos arqueólogos portugueses o vieram a fazer. Apesar de no estrangeiro, nomeadamente em Espanha surgirem algumas opiniões contrárias.³

Todavia, em Arqueologia, existe sempre uma constante aragem de ideias novas. Cunha Serrão e Prescott Vicente desde cedo demonstraram não estar de acordo com a classificação de “foicinhas” atribuída às facas ovóides. Em 1980 elaboraram um trabalho que procurou contrariar a teoria de Henri Breuil, através de um estudo das peças, baseado na observação com lupa binocular, na observação de peças similares na Europa e Norte de África e do método de comparação com artefactos de povos primitivos contemporâneos (Ipiutak do Alasca)⁴. Estes investigadores que dividem os artefactos em lâminas de dois tipos – ovais e sub-retangulares – concluíram que as peças não apresentam vestígios de uso característico de foice mas que seriam utilizadas como “lâminas cortantes de uso doméstico, para cortar carnes, umas, para aguçar, outras e, em casos mais raros para raspar” (Vicente e Serrão, 1980: 43). João Zilhão (1994), irá também concordar com esta mesma função, denominado até estas peças como “facas ovóides”. Nesse mesmo trabalho, o antigo direc-

tor do IPA, tece ainda algumas considerações acerca das facas ovóides provenientes de VNSP. Na sua opinião, e neste caso particular, as peças não terão sido fabricadas no povoado:

“(…) nele apenas terão tido lugar as fases finas da respectiva fabricação (polimento, aquecimento e retoque em «pelada»). Embora estas três tarefas sejam geradoras de resíduos (pó, lascamentos térmicos, esquirolas produzidas pelos levantamentos de retoque), praticamente invisíveis do ponto de vista arqueológico, a ocorrência de acidentes (fracturas acidentais, por exemplo), no decurso da sua execução deveria em princípio originar abandonos que permitissem identificar positivamente o local da efectiva realização destas tarefas.”(Zilhão, 1994: 38).

Os estudos de Margarethe Uerpman (1995), sobre a indústria lítica do Zambujal, também vieram de encontro com a teoria de Serrão e Vicente, considerando estas peças como facas polivalentes de uso doméstico que raramente apresentam patina brilhante. Afirma ainda este instrumento como: “o mais importante da indústria lítica de Zambujal” (Uerpman, 1995: 41).

Posteriormente, em 1996, Carvalho, elaborou um trabalho no seguimento do de Zilhão, enfocando na tecnologia e organização da produção do talhe no Neolítico-Calcolítico. Referindo os artefactos em estudo, atribui-lhes uma provável função dual, ou seja, serviriam como facas e como foices (Carvalho, 1996, p.46). No mesmo ano, o croata Staso Forenbaher efectuou um estudo que incidia sobre as indústrias líticas de talhe bifacial em Portugal, acrescentando novas informações sobre as lâminas em questão. Concluiu que estas eram praticamente restritas a áreas onde o sílex é abundante, ou seja, a região da Estremadura. São também muito comuns em povoados mas inexistentes em sepulturas, contrariando assim o que acontece com outro tipo de peças calcolíticas de talhe bifacial como por exemplo: pontas de seta e alabardas (Forenbaher, 1998: 61), ideia já defendida por Zilhão (1994).

² A classificação destas peças como pontas de lança ou de punhal raramente voltou a ser referida, visto que a morfologia é distinta: triangular – para as pontas de punhal ou lança, e oval e sub-retangular para as facas ovóides (Zilhão, 1994: 38).

³ Trabalho de Luís Monteagudo sobre foices pré-históricas (1956), onde o autor considera que as facas ovóides de VNSP não pertencem a elementos de foice, considera que estes devem ser atribuídos às peças rectangulares e serreadas encontradas, essas sim comuns em foices calcolíticas.

⁴ População que até aos finais do século XIX vivia numa economia de caça e recolção, utilizando artefactos de pedra lascada. Os seus vestígios encontravam-se extremamente bem preservados aquando do seu estudo em 1948 por E. Larsen e F. Rainey (Vicente e Serrão, 1980, p.20.).

Outro aspecto interessante relacionado com este estudo, refere-se à sua produção. Segundo o investigador croata estas peças possuem uma imensa variabilidade, mesmo dentro do mesmo povoado, sugerindo a existência de uma larga gama de indivíduos a produzi-las (Forenbaher, 1998: 65). O autor concorda com o trabalho de Vicente e Serrão, em relação à funcionalidade das facas ovóides, ou seja, considera-as como objectos de uso funcional. Introduce também um aspecto novo na argumentação desta teoria. Conforme a sua opinião, a ausência nos rituais cognitivos destes artefactos explicita as suas funcionalidades (usados essencialmente nas tarefas domésticas), e demonstra que não são, nem artefactos relacionados com a guerra, nem com a agricultura. Caso o fossem, estariam seguramente presentes nestes rituais (Forenbaher, 1998: 66).

Não obstante, o consenso sobre a utilidade destes artefactos, encontra-se ainda longe de atingir entre os investigadores portugueses. Pretendo, com a conclusão deste trabalho, formular o meu ponto de vista acerca da função ou funções que estas peças podiam ter.

Considero também pertinente aflorar, neste ponto, certos aspectos sobre os trabalhos precedentes, nomeadamente os dois mais antigos, no que diz respeito ao modo como foram estudadas as peças. Em primeiro lugar saliento que estes estudos foram baseados em amostras pouco significativas - Henry Breuil terá observado 17 facas, (o número encontrado nas campanhas de 1936 e 1937 em VNSP, de Jalhay e Paço) e Vicente e Serrão 10 facas. Em segundo, o facto destes saudosos investigadores tentarem justificar as suas teorias sem que para isso exista um estudo tipológico das peças. Parece-me que estes partiram de uma teoria preconcebida que tentaram justificar com uma observação parcial das peças, e de facto, em termos de justificação teórica, o trabalho de Vicente e Serrão até vai muito além, comparando as suas peças com artefactos de vários pontos do mundo e de cronologias variadas. Todavia, defendo que para se formular uma boa teoria, neste caso específico de indústria lítica, é necessário sustentá-la num bom trabalho prático, algo que, a meu ver, falta nestas duas investigações. No que diz respeito aos trabalhos de Zilhão, Carvalho e Forenbaher parece terem sido fundamentados numa amostra razoável de artefactos, e apesar de não desenvolverem muito a questão da funcionalidade dos mesmos, estão extremamente bem conseguidos no que se refere à produção,

⁵ Para melhor entedimento da nomenclatura utilizada ver esquema da figura .

enfocando sobre aspectos como: técnica de retoque, a cadeia operatória e especialização dos artesãos.

Tipos de facas ovóides (estudo de 136 artefactos de VNSP)

Durante os finais do ano de 2003, estudei no Museu do Carmo (Lisboa), uma amostragem de 136 facas ovóides, 120 completas e 16 fracturadas (Ver tabela 1 e 2). Esta colecção é proveniente das campanhas de Afonso do Paço em Vila Nova de São Pedro (de 1937 a 1958). Identifiquei com este estudo 3 tipos de facas ovóides:

Tipo A: forma de crescente

Peças cujo o volume mesial ou corpo⁵ se mostra com um lado recto e outro convexo (normalmente o lado distal o lado de uso), na sua maioria apresentam ambas as extremidades convexas, podendo deter, raramente, volumes rectos. (Fig.3)

Tipo B: forma sub-retangular

Peças que se caracterizam por apresentarem tanto o volume distal como o proximal, rectos. No entanto, estas peças sub-rectangulares divergem quanto ao seu corpo, porém, existem ainda casos em que estas peças foram trabalhadas posteriormente, acrescentando-se um pedúnculo, foi decidido agrupa-las em dois sub-tipos:



Subtipo B1: de corpo recto. (Fig.4)

Subtipo B2: de corpo convexo. (Fig.5)

Subtipo B3: com pedúnculo numa das extremidades (ao fim ao cabo esta peça acaba por ser uma lâmina ovóide sub-retangular reaproveitada como furador). (Fig.6)

Tipo C: forma oval

Peças que, de um modo geral, denotam uma forma ovalada no seu todo, ou seja, com ambas extremidades convexas, ligeiramente apontadas, assim



como, volume mesial ou corpo também convexo. Agrupo ainda neste tipo as peças tipo ponta, que são muito escassas, chegamos assim a dois sub-tipos:

Subtipo C1: padrão. (Fig.7)

Subtipo C2: extremidade superior em ponta. (Fig.8).

Os tipos B e C são os mais representativos, mesmo com uma separação entre os seus subtipos, verifica-se a sua superioridade em número em relação ao tipo A. (Ver tabelas de 3 a 9 e gráfico 1)

Durante a Campanha de escavação de 2004 do povoado do Zambujal pude confirmar que estes tipos se adequam as facas ovóides encontradas no sítio, assim como encontrar uma distribuição numérica dos tipos muito semelhante. Destaco ainda que os achados de facas ovóides concentram-se sobretudo nos povoados de VNSP, Zambujal e Leceia. Nos restantes arqueossítios estremenhos (refiro novamente que estas peças são escassas fora da região da Estremadura) estes artefactos raramente ultrapassam a dezena.

Observação à lupa

No decurso do estudo realizado em 2003, notamos ainda, com o auxílio de uma lupa, a existência de vestígios de utilização típicos de instrumentos de pedra utilizados para cortar carne - “cometas” orientados obliquamente aos gumes, assim como o lustre⁶. A obra de Prescott Vicente e Cunha Serrão (1980) é neste aspecto, muito elucidativa: através de uma lupa binocular, identificaram, de facto diferenças entre as peças. Para tal basearam-se no trabalho de Semenov (1964), sobre as características verificadas em artefactos de pedra relacionados com a matéria animal. O conceituado pré-historiador apresenta uma divisão em 3 tipos de artefactos, ditos facas: para cortar carne (*meat knives*), para aparar e aguçar ossos e cifres (*whittling knives*) e para trabalhar peles (*skin-dressing-knives*). A cada uma destas “facas” correspondem características identificáveis com lupa binocular. Primeiro caso (*meat knives*) - pátina brilhante generalizada às saliências e estrias oblíquas ou perpendiculares ao gume. Segundo caso (*skin-dressing-knives*) - vestígios nos dois lados da faca formando, com o gume, ângulos entre 45° e 90° consoante o formato do instrumento. Por fim (*whittling knives*) - estrias perpendiculares ao gume, normalmente localizadas num dos lados das peças, lado que encosta ao objecto a raspar. Ora Prescott Vicente e Cunha Serrão (1980), verificaram estas características

⁶ Como já foi referido os vestígios de lustre são visíveis em artefactos de sílex utilizados tanto para cortar cereal como para cortar carne.

nas facas ovóides que estudaram, às quais foram atribuídas, consoante as diferenças, as tarefas das 3 facas acima descritas. Através da obra destes dois investigadores portugueses é assim possível efectuar uma ponte entre a tipologia formulada e as funções apresentadas por Semenov. De um modo geral podemos enquadrar com o tipo A as facas do género *skin-dressing-knives*; com o tipo B as *whittling knives* e com o tipo C as *meat knives*. No entanto, importa novamente referir que o trabalho de Prescott Vicente e Cunha Serrão (1980), peca pelo reduzido número de peças em estudo que, a meu ver, torna a assimilação das “facas” de Semenov, com os 3 tipos de facas ovóides apresentadas, arriscada. Importa reter apenas que existe uma forte possibilidade de a cada tipo corresponder uma função.

A observação de vestígios de utilização, presente na maioria das peças, indica ainda o seu cariz utilitário – acentuado com as características de reutilização e variabilidade das peças –, negando assim qualquer hipótese de as relacionar com elementos mágico-religiosos, e acentuando ainda mais as considerações de Forenbaher (1998), acerca da sua total ausência em contextos cognitivos.

As 136 facas ovóides foram produzidas, na totalidade, em sílex. Ora, se partirmos dos princípios introduzidos por Cava Almuzena (1990:157), concluímos que o facto destes utensílios serem produzidos numa boa matéria-prima (sílex) indica que estes serviram para desenvolver actividades fundamentais na sociedade. Após verificada a cor permitiu chegar à conclusão sobre a provável proveniência da matéria-prima - Rio Maior. Tal como em Leceia estão presentes as cores castanho avermelhadas da mesma proveniência, porém no caso de VNSP são mais frequentes as cores brancas acinzentadas, também frequentes em Rio Maior. Indicando assim uma provável diferenciação de jazidas de sílex, se bem que, dentro da mesma região

Fundamental é também o estudo do retoque, que é nestes artefactos maioritariamente bifacial e cobridor, ou seja, apresentando uma elevada capacidade técnica na elaboração, transmitindo assim uma forte relação com uma produção por um grupo de artífices especializados (Zilhão, 1994: 40).

Produção das facas ovóides

Indústria Lítica no Calcolítico

O talhe Calcolítico surge como uma evolução gradual do mesmo processo no Neolítico. No período

de transição, ou seja, no Neolítico final, podemos já verificar a produção de pontas de retoque invasor ou cobridor, no entanto, para outros tipo de peças foliáceas de mesmo retoque - alabardas e facas ovóides - não existe tal evidência (Carvalho, 1996, pp.46-47). De um modo geral, o Calcolítico pode ser caracterizado, em termos da sua indústria de pedra lascada, pela produção de lâminas de grandes dimensões, pontas de seta e restantes peças foliáceas. Porém, surge também com alguma frequência uma indústria microlítica ou sobre lascas concentrada sobretudo no vale do Guadiana (Carvalho, 1996: 47).

É também neste período que se dá o surgimento das “sociedades complexas”, associando-se às mesmas a “especialização do trabalho”, ou seja, grupos de artesãos dotados que se dedicariam à produção, a tempo inteiro ou parcial, de bens materiais: cerâmica, metalurgia e pedra lascada (Millán, 1998: 31).

Desde o Paleolítico Superior que a indústria lítica se tornara no factor preponderante para a sobrevivência dos grupos. A matéria-prima utilizada no fabrico dos artefactos passou a ser um bem essencial. O sílex, pedra de melhor qualidade e resistência para o talhe existente na Península Ibérica, contribuiu para o surgimento das primeiras redes comerciais a grandes distâncias. A economia do sílex, como apelidou a este fenómeno Ramos Millán, assinalou para as sociedades primitivas uma dupla faceta – a doméstica e a política –, comum nas culturas tribais. Para estas a produção doméstica resumia-se ao fabrico oportunista e circunstancial de artefactos, tarefa realizada por unidades domésticas independentes e para consumo próprio (Millán, 1998: 35). A Idade do Cobre veio assim a originar uma mutação na economia que era essencialmente doméstica e que agora, com o surgimento da “especialização”, passa a ser excedentária.

O apogeu da economia do sílex ocorre com o Calcolítico, onde para além do talhe havia também um extenso número de indivíduos ligados à extracção e recolha de sílex e ao seu transporte para os povoados. O intercâmbio regional, existente desde o Paleolítico Superior, abrange cada vez mais áreas de maior extensão, e passa a implicar uma interacção social e extra-doméstica baseada na especialização e produção mineral e artesanal.

Extracção da matéria-prima

A matéria-prima usada no fabrico de artefactos de pedra lascada, na Estremadura portuguesa, era

fundamentalmente o sílex que provinha de Alenquer, Lisboa, Oeiras e Rio Maior. Aliás a riqueza de sílex da região estremenha ficou bem espelhada nos grandes povoados da região, que para além de usufruírem de excelentes condições para a agricultura, contavam com a matéria essencial para o funcionamento da sua sociedade.

Existem duas hipóteses para a obtenção de sílex: a primeira prende-se com a recolha de nódulos presentes à superfície ou então através do aproveitamento dos sílices trazidos por aluvião pelas ribeiras perto das fontes de sílex (este aspecto seria, no meu entender explorado para produção individual e doméstica)⁷. A segunda hipótese está relacionada com a extracção mineira de sílex. De facto, para o Neolítico/Calcolítico estão identificadas em toda a Europa minas de sílex (ver antigos presentes na publicação do VII Simposium Internacional de Sílex de Varsóvia [1997]), No entanto, para o caso português não existe uma identificação plausível de uma mina pré-histórica (excepção feita ao caso da mina Campolide estudada por Abel Viana e Georges Zbyzewski em 1948). Temos ainda o caso paradigmático de Rio Maior onde a extracção de sílex durou até ao século XIX, para o fabrico de pedreiras, sendo por isso difícil de identificar se a mina foi ou não utilizada no Calcolítico. Contudo, encontramos, e em abundância, sílex de Rio Maior em VNSP e pela quantidade de artefactos desta região, não só neste povoado como em todos os povoados estremenhos⁸, tudo nos leva a concluir que, existiria, a montante uma exploração mineira organizada capaz de suportar a imensa procura de sílex. Se bem que, a recolha à superfície fosse também usada mas, a nosso ver, num plano de produção doméstica e rudimentar.

Baseados na descrição da mina de Campolide em 1889 por Paul Chouffat (Viana e Zbyzewski, 1948), e nos estudos de Ramos Millán (1997) sobre a mina pré-histórica de La Venta, podemos conceber uma imagem do tipo de minas sílex exploradas na região estremenha. Estas conteriam entre duas a quatro galerias, escavadas, em calcários, no sentido da estratificação dos bancos deste mineral. As galerias poderiam atingir entre 30 a 40 metros. O tecto era sustentado por pilares de pedra e madeira que iam sendo colocados com o avançar da exploração.

No caso da mina de Campolide, Paul Chauffat relata a existência de ossadas humanas numa das galerias. Este facto pode-nos levar à realização de alguma especulação em relação à dureza e/ou perigo deste tipo

de exploração. Todavia, a antiguidade da descrição e a ausência de comprovação nos estudos precedentes, levam-nos a colocar com reticências tais considerações.

Ligado à extracção mineira estaria uma extensa rede comercial. Não está ainda definido se os indivíduos que extraíam o mineral estariam também relacionados com o talhe deste e com o seu transporte. Porém, tudo indica que pelo menos a função do talhe estaria a cargo de artefices especializados que apenas teriam essa função (Zilhão, 1994)

Cadeia Operatória

Após recolhida a matéria-prima, procedia-se ao talhe de pequenos blocos, provavelmente no próprio local onde era obtida a pedra, só numa segunda fase é que se procedia a debitação do bloco e era realizada a respectiva produção (polimento, aquecimento e retoque em «pelada»). Tarefa que seria, provavelmente, realizada fora do povoado, de facto, e como constatou atentamente João Zilhão (1994), não existe em VNSP qualquer vestígio (pó, lascamentos térmicos), das três tarefas acima referidas. No entanto, convém referir que o método de escavação utilizado nos anos 30 e 40 dava pouca importância a recolha destes elementos. Não obstante, cremos que a produção seria efectuada muito próximo do povoado e por habitantes deste e não como Zilhão indica a relativa distância e por artefices especializados que os exportariam para o grande povoado. A nosso ver, e pelo número de elementos encontrados, estes artefactos teriam um papel activo no quotidiano de VNSP. Estudos como os de Forenbaher (1998) e Millán (1998), afirmam a existência de uma forte economia da pedra lascada, no Calcolítico, que segundo o seu ponto de vista seria a mais representativa do período, e um dos motores para a complexificação da sociedade. Tendo em conta estes factores, entendemos que os artefices especializados pertenceriam ao próprio povoado, sendo que estes estariam em contacto com um outro grupo presente nas regiões de sílex que o extrairia e lhe daria uma primeira preparação, depois através de uma rede comercial este seria exportado para os grandes povoados da região estremenha, onde seria efectuada o fabrico efectivo dos artefactos.

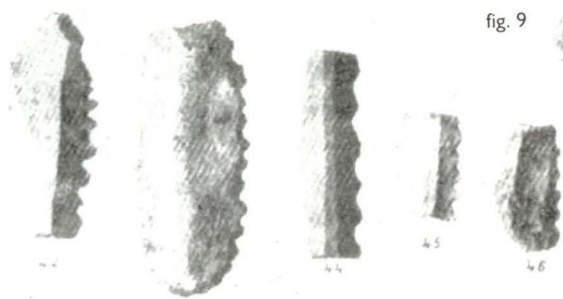
⁷ Esta hipótese ocorre com alguma frequência nos povoados calcolíticos da Andaluzia (Millán, 1988: 36).

⁸ Em Leceia foi comprovada a existência de uma maioria de sílex proveniente de Rio Maior (Cardoso, 1996: 54) para o caso do Zambujal já representam uma percentagem menos elevada, devido a existência de filões de sílex muito próximos do povoado (Uerpmann, 1995: 47).

Acrescenta-se ainda, apesar da maioria dos artefactos ser produzida por um grupo especializado, o facto de surgirem peças com um aspecto tosco e inacabado leva-nos a concluir que existiria uma produção individual e doméstica paralela e independente baseada na recolha de sílex à superfície e sem qualquer relação com as redes de comércio deste mineral. Ideia intimamente relacionada com o carácter utilitário e funcional do tipo de artefacto, explicitada com maior detalhe no ponto seguinte.

Facas ou foices?

A atribuição de uma função às facas ovóides tem sido desde a sua primeira descoberta uma questão pouco consensual, como aliás foi possível verificar neste trabalho. Se bem que, nos últimos anos tem vindo a ser aceite, pela maioria dos investigadores, a teoria de que estas peças serviriam para funções domésticas, considerando-se facas e seguindo exemplos de artefactos semelhantes usados por povos primitivos actuais⁹. A teoria que contrapunha esta, em enfoque nos anos 50 a 80 do século passado, defendia que este artefacto apresentava características de foice, tornando-se o termo de “foicinha” o mais recorrente. Algo raro tendo em conta que nos arqueossítios estremenhos foram encontradas peças, que apresentam características semelhantes (Fig.9) a elementos de foice e bem identificados pela arqueologia experimental (Astrec e Anderson, 2004). Definitivamente, parece que a pátina brilhante foi o único factor que levou a que se considerasse as facas ovóides como elementos de foice.



No entanto, pudemos constatar que ambas as teorias não apresentam na justificação referencia ao contexto arqueológico em que as facas ovóides foram encontradas, o que a nosso ver, é uma falta grave. Durante a Campanha de 2002 do povoado de Zambujal, ao escavar uma zona de fogueiras no corte 45 zona AP

⁹ Nomeadamente os Ipiutak do Alasca (Vicente e Serrão, 1980: 20).

(localizado no núcleo central, junto da entrada), encontramos associado a ossos de animais 5 facas ovóides do tipo C e A. Na Campanha de 2004 voltaram a surgir no mesmo corte mais 2 peças, sendo que encontramos ainda num novo corte no casal, mais 3 exemplares, e novamente associados a uma estrutura de combustão. Neste quadro acaba por se enquadrar a teoria de que estes artefactos seriam facas de uso doméstico utilizadas para o descarnamento e corte das carcaças.

À partida o facto de se verificarem 3 tipos de facas ovóides pode indicar que a cada um se adequaria uma função, o mesmo já não concordamos com uma atribuição de uma função à cada subtipo. A nosso entender, os subtipos dentro dos tipos B e C: subrectangular (B1, B2 e B3) e oval (C1 e C2), apresentam diferenças relativamente pequenas para considerar que a estes se deveria aplicar uma função específica – excepção feita ao subtipo B3 que acaba por ser uma peça dos subtipos B1 e B2 reutilizada como furador. Estes subtipos podem ser explicados pelo cariz doméstico e utilitário destes artefactos. Com efeito, muitos autores defendem que o fabrico destas peças realizar-se-ia em casa pelo seu utilizador (Forenbaher, 1998:66). Hipótese que não subscrevemos totalmente. Como refere Cava Almuzena a indústria lítica básica era de domínio comum (Cava Almuzena, 1990: 158) – de facto existem alguns casos de peças com aspecto muito tosco, que podem estar relacionados com um fabrico doméstico. Todavia, devido à qualidade técnica da maioria, tudo leva a crer que estas peças foram elaboradas maioritariamente por artífices especializados, que, por uma questão de evolução e adaptabilidade, originaram diversos tipos de peças. Parece-nos pouco credível, para este caso específico, acreditar que um fabrico generalizado de facas ovóides originaria diversidade e criaria as diferenciações entre tipos e subtipos.

Com a excepção feita para o subtipo B3, na nossa opinião a variação de formas (entre os Tipos A, B e C) indica uma diferenciação de funções. As três hipóteses de Semenov (1964), referidas anteriormente, parecem-nos ser as mais indicadas.

Relação das facas ovóides com as actividades presentes nas sociedades calcolíticas

Persistem ainda, na actualidade, algumas incertezas acerca do grau de complexidade das sociedades da Idade do Cobre - ainda não está definida qual a real importância: da agricultura, da pastorícia, da mineração, da tecelagem, do artesanato (essencialmente produção

de artefactos líticos e cerâmicos), do comércio, da caça e da guerra na economia. Não duvidamos que a teoria das foicinhas, introduzida por Breuil, tenha persistido durante tanto tempo devido à densidade numérica com que estas peças iam surgindo no decurso das escavações, tentando assim enquadrá-las com uma actividade importante como a agricultura. O que a nosso entender é uma perspectiva de estudo correcta, tendo em conta a representatividade das facas ovóides. Iremos assim explorar as quatro actividades que nos parecem mais prováveis de associação com as peças em estudo.

Agricultura (artefactos de corte de cereal)

Ao longo do trabalho temos demonstrado esta hipótese como pouco viável, identificámos características nas peças típicas de facas e não de foices. Salientámos ainda a existência de peças com essa função de corte de cereal em VNSP (Fig.9). A ausência destas peças da vida cognitiva pode ser também um aspecto a ter em conta, devido ao evidente cariz mágico-religioso adjacente as actividades agrícolas. Considero também fundamental a descoberta de facas ovóides em contexto associadas a ossos de animais e a estruturas de combustão, que a nosso ver acentua ainda mais as características de corte de carne identificadas segundo o padrão de Semenov.

Guerra

Neste caso parece não existir qualquer relação com as facas ovóides. As armas pré-históricas conhecidas mais semelhantes a estas peças serão as pontas de lança solutrenses. Contudo, no caso das que estamos a estudar, são raras as peças que apresentam ponta, sendo que a sua característica principal são os gumes afiados, por vezes em ambos lados. A exclusão da actividade bélica¹⁰ é ainda mais evidente se introduzirmos a questão mágico-religiosa - as armas são objectos sempre presentes nestas manifestações, e como já foi referido as facas ovóides estão excluídas deste fenómeno¹¹.

Tecelagem

Está assente no facto deste povoado comportar um grande número de hipotéticos pesos de tear indicando assim a existência de uma "indústria" – são conhecidos vários pesos de tear com decoração, indicando o possível uso ritual (exemplo do peso de tear de Castelo Velho, Freixo de Numão). A associação das facas ovóides é sem dúvida tentadora. O tecido, nomeadamente o fabricado em linho, apresenta algum valor, é também um forte candidato a bem de troca com o cobre, necessário

às sociedades estremenhas. Salienta-se que os artefactos em causa só são conhecidos na Estremadura onde surgem em grande quantidade, inclinando-nos assim à sua associação com uma actividade importante - a tecelagem preenche, sem dúvida esses requisitos. Porém, sabemos que tantos os tecidos como teares são extremamente difíceis de encontrar em contextos arqueológicos, factor que prejudica a percepção do real valor dos têxteis na sociedade.

As matérias-primas da altura que se podiam relacionar com a produção de tecidos eram: a lã (também foi identificada a presença de ovicaprinos) e o linho (cujas sementes foram identificadas no povoado). Tendo em conta o cariz de elemento cortante atribuído aos artefactos, a ambas as matéria-primas se podem associar às facas ovóides. Partido desse pressuposto serviriam: como elementos de tosquia das ovelhas, no caso da lã, e como elementos de descasque ou corte, no caso do linho. Contudo, esta teoria tem, em ambas as situações fortes contrariedades. Na primeira situação deparamo-nos com o seguinte: a presença de ovinos nos povoados estremenhos é de tal modo ténue, que coloca de parte qualquer pretensão de intensificar uma "indústria de lanifícios". No que diz respeito à hipótese linho temos também aqui um problema, como fomos justificando ao longo do trabalho não existe qualquer relação entre estas peças e o corte de cereal ou vegetal sendo o linho uma planta deve assim ser posto de parte. Não obstante, poderia existir uma relação destas peças com o corte de linho mas encontrando-se este já como tecido, contudo colocamos reticências¹². Todavia, volto novamente a salientar que os ditos pesos de tear não são consensuais.

"Economia Animal"

A relação destes artefactos com a actividade cinegética e a pastorícia é baseada na abundância de fauna encontrada nos três povoados estremenhos (Jalhay e Paço 1971: 257; Uerpamann, 1995: 48 e Cardoso 1996: 81). De um modo geral a fauna doméstica é prevalecte nos três sítios, não obstante nas primeiras fases de ocupação os vestígios de animais selvagens apresentam valores muito próximos, nomeadamente

¹⁰ Nomeadamente os Ipiutak do Alasca (Vicente e Serrão, 1980: 20).

¹¹ Para sermos mais precisos, devemos indicar que não existe uma "ausência esmagadora", em algumas sepulturas do centro do país casos de Alapraia e Estoril, porém, raramente passando os dois exemplares.

¹² O linho passa a tecido através da maçagem das fibras presentes no caule. Os vestígios deixados nos artefactos são, neste caso, distintos dos produzidos pelo corte de cereal.

em Leceia (Cardoso, 1996: 80). A caça seria certamente, como o refere Cardoso (2002), uma actividade necessária e fundamental para a manutenção das complexas sociedades da Estremadura, que comportariam cerca de 300 habitantes. A existência destes números, difíceis de sustentar apenas com uma agricultura sem pousio e a pastorícia, originariam um recurso à caça bastante mais acentuado do que o sucedido no Neolítico. A dimensão de tal fenómeno não está ainda totalmente estudada, por exemplo: o elevado número de pontas de seta, não está só relacionado com a guerra - um dos factores caracterizadores da Idade do Cobre¹³ - mas também com a crescente importância da caça nestas sociedades.

Tanto a caça como a pastorícia não tinham unicamente a função de alimentar as populações, para além da carne, os animais forneciam imensas matérias-primas essenciais às sociedades do III milénio a.C.: pele, (para o vestuário) tendões (para o fabrico de cordas, frequentemente usadas nos arcos de flechas) e ossos (usados, depois de trabalhados, como agulhas, punções, botões, furadores, alisadores e objectos de carácter cognitivo).

O facto de nas últimas campanhas do Zambujal (2002 e 2004), termos encontrado facas ovóides, em contexto e junto a restos de animais, nomeadamente javali e veado, leva-nos a considerar como muito provável uma relação entre estes artefactos e a actividade proposta. A verificação das características apresentadas por Semenov (1964) para artefactos utilizados no corte de carne torna a nosso entender, esta hipótese como a mais correcta.

¹³ Decorrente do aumento das tensões sociais e da protecção dos excedentes e território (Silva, 1993: 218).

¹⁴ Até ao momento apenas existem provas de comércio com o Norte de África para os povoados do Oeste peninsular (Díaz-Andreu 1993 e Lisboa, 1995). Destaco, no seguimento desta situação, o trabalho de P. Vicente e C. Serrão (1980), onde os autores referem a existência de peças similares às facas ovóides em contextos norte-africanos do Neolítico Antigo.

¹⁵ Referência às escavações no povoado fortificado do Zambujal (Campanhas de 2001 e 2002).

Conclusão:

Desde a sua descoberta em meados do século passado, que as facas ovóides têm obrigado os investigadores a várias reflexões em torno de uma função considerada adequada a tais artefactos. O facto destes serem um exclusivo do Oeste peninsular - numa época onde já existia uma forte circulação de ideias, tornam estes artefactos alvo potencial de teorias explicativas diversas. O recurso a novas tecnologias no estudo de líticos, como a lupa binocular e a traceologia, permitiram, desde os anos 80 descortinar vestígios de corte de carne nas peças em estudo. Estes novos trabalhos acabaram também por aplicar uma perspectiva comparada com utensílios de primitivos modernos.

Porém, o “fenómeno facas ovóides” é muito mais complexo. O facto destes artefactos se manterem localizados numa região específica leva a que se tenha que ter em conta dois particularismos fundamentais caracterizadores dessa mesma região: o comércio com o exterior da península¹⁴ e a abundância de sílex, matéria-prima quase exclusiva para a produção dos mesmos (Carvalho, 1996: 46). A importância destes factores e o valor da sua relação com a génese de tais artefactos permanece ainda uma incógnita.

A nosso ver, as facas ovóides são artefactos utilitários cuja função principal advém do desbaste e corte de carcaças e peles de animais, tanto selvagens como domésticos. Esta conclusão surge fruto de uma recolha bibliográfica sobre o assunto, estudo estatístico das características das peças e trabalho de campo em contextos arqueológicos onde estas peças estão presentes¹⁵. Os 3 tipos de peças identificados, em VNPS, derivam desta função, uns serão mais adequados ao corte, outros à raspagem e outros ao aparamento, à semelhança do que acontece com artefactos similares entre os Ipiutak. As várias operações seriam realizadas no povoado tendo tanto um carácter comunitário e colectivo - no seguimento de campanhas de caça organizadas e abate de fauna doméstica -, e doméstico e individual, originado pela matança de um ou outro animal doméstico, ou de uma caçada fortuita de um animal de pequeno porte. Todavia, a diversidade do tamanho das peças e do seu formato, as suas marcas de uso e de reutilização deixam transparecer um cariz utilitário e talvez diversificado no âmbito das tarefas. Sendo assim não colocamos de parte o uso destes artefactos para outro tipo de trabalhos práticos que necessitem de uma função de corte - incluímos neste sentido o corte do linho, enquanto tecido, a tosquia das ovelhas, etc.

Tabela 1

Normas para o preenchimento da ficha de inventário geral

Dados Gerais:

Nº de Inventário:

número distribuído pelo autor a cada peça (importante: o número deve estar marcado na peça).

Matéria-prima:

S (sílex)
Q (quartzito)
Qt (quartzó)
... (outras rochas a enumerar)

Cor (segundo Munsell Color Chart):

Estado da peça:

1- peça inteira
2- peça fracturada

Comprimento:

maior comprimento morfológico.

Largura:

perpendicular ao eixo do comprimento.

Espessura:

espaço entre as faces interna e externa.

Peso:

será apenas registado o peso de peças inteiras.

Características:

Retoque:

1- Bifacial
2- Unifacial

Vestígios de utilização:

Macroscópicos: desgaste dos gumes e patinas brilhantes

Forma das facas ovóides:

1- Extremidade superior
1.1- convexa
1.2- semi-recta
1.3- apontada

2- Volume mesial
2.1- ambos os lados convexos
2.2- um lado convexo e outro semi-recto
2.3- ambos os lados semi-rectos

3- Extremidade inferior
3.1-convexa
3.2-semi-recta
3.3-apontada

Tabela 2:

Nº de estudo	Mat-prima	Cor (Munsell)	Estado	Comprimento	Largura	Espessura	Peso	Retoque	Vestígios de Utlz.	Vol. distal	Vol. mesial	Vol. proximal	Observações
1	s	5YR 8 /0	1	9,5	2,9	0,8	31g	1	x	1.3	2.3	3.2	
2	s	5YR 5/0	2		3,5	0,7		1	x		2.1	3.2	
3	s	5YR 4/9	1	6,9	2,8	0,8	11g	1	x	1.1	2.1	3.1	
4	s	5YR 9/0	1	6,5	3	0,7	18g	1	x	1.1	2.1	3.1	
5	s	5YR 6/0	1	6,8	2,8	0,6	16g	1	x	1.1	2.2	3.2	
6	s	10YR 2/0	1	7,5	3,2	0,6	22g	1		1.2	2.1	3.2	
7	s	5YR 6/0	2	5,4	3	0,5		2	x	1.2	2.3	3.2	Reutilizada após fractura
8	s	5YR 5/0	1	8,6	3,7	0,9	62g	1	x	1.2	2.2	3.2	
9	s	5YR 10/4	1	7,1	2,5	0,4	15g	2	x	1.2	2.1	3.2	Faca em preparação
10	s	5YR 8 /0	1	6,5	3,4	0,7	19g	1	x	1.1	2.2	3.1	
11	s	5YR 8/7	1	5,4	2,9	0,5	8g	2	x	1.2	2.1	3.2	
12	s	5YR 9/0	1	6,4	3,7	0,6	19g	1	x	1.2	2.2	3.2	
13	s	5YR 9/0	1	5,8	2,7	0,6	9g	1	x	1.2	2.2	3.2	
14	s	5YR 4/9	2		4,2	0,6		1	x		2.1	3.2	
15	s	5YR 9/0	2		3	1,2		1		1.3	2.1		
16	s	5YR 6/0	1	7,4	3,4	0,6	7g	1	x	1.1	2.1	3.1	
17	s	5YR 10/4	1	8	4,7	1,1	66g	1	x	1.2	2.1	3.2	
18	s	5YR 5/0	1	6,1	4,3	1,3	51g	2	x	1.2	2.3	3.2	
19	s	5YR 4/2	1	6,1	2,4	0,6	13g	2	x	1.1	2.3	3.2	
20	s	10B 6/1	1	6,3	2,7	0,6	10g	1	x	1.3	2.1	3.3	
21	s	10YR 8/0	1	5,7	2,9	0,9	7g	2	x	1.3	2.1	3.1	
22	s	5YR 6/6	1	5,6	2,2	0,8	17g	1	x	1.2	2.3	3.2	
23	s	10P 4/7	1	5,4	2,5	0,5	10g	1		1.1	2.2	3.1	
24	s	5YR 9/0	1	5,5	2,3	0,5	12g	1	x	1.1	2.3	3.2	
25	s	8R 4/8	1	5	2,9	0,6	14g	1	x	1.1	2.1	3.2	
26	s	6YR 2/2	2		2,6	0,5		1			2.1	3.2	
27	s	10YR 8/0	1	5	2,1	0,6	8g	1	x	1.1	2.2	3.1	
28	s	5YR 9/0	1	4,7	2,1	0,6	12g	1		1.1	2.2	3.2	
29	s	4YR 2/9	1	4	1,9	0,5	4g	1	x	1.1	2.3	3.2	
30	s	10YR 2/0	1	4,5	2,5	0,7	13g	2	x	1.1	2.2	3.2	
31	s	8R 4/8	1	4,3	2,4	0,6	6g	1	x	1.2	2.2	3.1	
32	s	10YR 9/0	1	4,6	2,3	0,5	11g	1	x	1.2	2.2	3.2	
33	s	10B 4/3	1	3	1,9	0,5	10g	1	x	1.2	2.3	3.2	
34	s	5YR 2/9	1	3,2	2,1	0,6	11g	1		1.2	2.3	3.2	
35	s	9R 2/6	1	3,2	2,5	0,7	7g	1	x	1.2	2.3	3.2	
36	s	5YR 9/0	1	4	2,9	0,6	9g	1	x	1.2	2.3	3.2	Reutilizada após fractura
37	s	5YR 9/0	1	4,6	1,8	0,5	6g	1	x	1.2	2.3	3.2	
38	s	5YR 5/0	1	4,4	2,5	0,7	11g	2	x	1.2	2.1	3.2	
39	s	5YR 2/9	1	3,7	2	0,4	3g	2		1.1	2.1	3.2	
40	s	2.5YR 7/3	1	4,6	3,1	0,6	15g	1	x	1.2	2.3	3.2	
41	s	5R 4/9	1	4,1	3,2	0,7	5g	1	x	1.2	2.3	3.2	
42	s	6YR 2/2	2		2,7	0,7	13g	1	x		2.3	3.1	
43	s	5YR 4/3	1	5,5	2,7	0,5	11g	1	x	1.1	2.1	3.1	
44	s	5YR 4/8	2		1,5	0,4		1	x		2.3	3.2	
45	s	1YR 8/3	1	6,2	3	1,6	14g	1		1.1	2.1	3.1	Faca em preparação

46	s	8YR 4/6	1	5,4	3,6	1,3	18g	2		1.1	2.3	3.2	Faca em preparação
47	s	5YR 2/9	1	4,9	3	0,9	21g	1		1.1	2.1	3.2	Faca em preparação
48	s	5YR 2/8	1	4,6	2,2	1	14g	1		1.1	2.1	3.1	Faca em preparação
49	s	1YR 6/2	1	5,3	2,4	1,5	13g	1		1.1	2.1	3.2	Faca em preparação
50	s	5YR 9/0	1	6	2,2	1	9g	1	x	1.2	2.3	3.1	Faca em preparação
51	s	5YR 9/0	1	4,6	2,7	0,6	5g	1		1.2	2.3	3.2	
52	s	5YR 2/0	1	4,5	2,6	0,5	5g	2	x	1.1	2.1	3.1	
53	s	5YR 2/6	2	5,1	2,5	0,8		2		1.1	2.1	3.1	
54	s	5YR 2/9	1	4	2,8	0,5	12g	2		1.2	2.1	3.1	
55	s	5YR 4/5	2		3,7	1		1	x		2.1	3.1	
56	s	5R 4/8	1	3,7	2,4	0,7	10g	2	x	1.2	2.1	3.1	Reutilizada após fractura
57	s	5YR 2/9	2		2,8	0,9		1	x		2.3	3.2	
58	s	5YR 4/3	1	5	2,9	0,7	15g	2	x	1.1	2.1	3.1	
59	s	5YR 4/8	1	4	2,4	0,6	9g	1	x	1.2	2.3	3.2	
60	s	5YR 4/9	1	4,5	3,1	0,6	8g	1	x	1.2	2.3	3.2	
61	s	5YR 4/9	1	13,7	6	1	72g	1	x	1.1	2.1	3.1	
62	s	2YR 10/2	1	2,9	1,7	0,3	1g	1	x	1.2	2.1	3.1	Peça de dimensão reduzida
63	s	1YR 6/2	1	4,8	3,2	0,8	7g	1		1.1	2.1	3.1	Faca em preparação
64	s	5YR 6/2	1	11	5,7	0,7	67g	1	x	1.2	2.1	3.2	
65	s	5YR 5/0	1	12,1	4,9	1	69g	1	x	1.2	2.2	3.1	
66	s	5YR 9/0	1	3,8	2	0,5	4 g	1	x	1.2	2.1	3.1	
67	s	5R 4/7	1	13,2	4,6	0,9	65g	1	x	1.1	2.2	3.1	
68	s	2.5 YR 7/3	1	11	4,5	1,1	68g	1	x	1.1	2.1	3.1	
69	s	2.5YR 9/0	1	10,9	4	0,7	60g	1	x	1.1	2.1	3.1	
70	s	2.5YR 8/0	1	11,2	4,3	1	63g	1	x	1.1	2.1	3.1	
71	s	5YR 2/9	2		2,8	0,5		2	x		2.2	3.2	
72	s	5YR 8/0	1	11,8	4	0,8	66g	1	x	1.1	2.1	3.1	
73	s	2.5YR 9/0	1	11	3,3	1,1	54g	1	x	1.3	2.1	3.1	
74	s	5YR 6/0	1	10,9	3,6	0,7	32g	1	x	1.1	2.1	3.1	
75	s	5YR 5/0	1	10,6	4,3	1	68g	1	x	1.1	2.1	3.2	
76	s	2.5YR 9/0	1	1,7	3,6	0,8	50g	1	x	1.1	2.1	3.1	
77	s	5R 4/7	2		4,5	1,2	31g	2			2.3	3.1	
78	s	5YR 2/9	2		4,5	0,7	20g	1	x		2.2	3.1	
79	s	5YR 4/9	1	3,7	2	0,7	3 g	1	x	1.2	2.3	3.2	
80	s	10P 4/9	1	3,6	2,5	0,5	5 g	1	x	1.1	2.1	3.2	Reutilizada após fractura
81	s	1YR 10/2	1	4,7	2	0,9	10 g	1	x	1.1	2.1	3.1	
82	s	10R 10/3	1	5,3	3	0,9	12 g	1	x	1.3	2.1	3.1	Faca em preparação
83	s	5YR 2/9	1	7,3	5,1	0,8	15g	1		1.1	2.1	3.2	Reutilizada após fractura
84	s	5YR 9/0	1	10	4	0,8	21g	1		1.1	2.1	3.1	
85	s	5YR 2/9	1	11	3,6	0,9	20g	1	x	1.1	2.1	3.1	
86	s	2.5YR 9/0	1	8,5	3,8	0,6	16g	2	x	1.1	2.1	3.1	
87	s	2.5YR 2/9	1	8,8	4	0,5	14g	1	x	1.2	2.1	3.2	
88	s	5R 4/8	1	3,8	2,2	6,9		1		1.2	2.2	3.2	Reutilizada após fractura
89	s	5YR 6/4	2		2,6	0,7		1	x	1.3	2.1		
90	s	5YR 2/9	1	9,1	3,4	0,8	15g	1	x	1.1	2.1	3.1	
91	s	5YR 4/8	1	9,9	3,5	0,6	16g	1	x	1.1	2.1	3.1	
92	s	5YR 9/0	1	8,8	3,2	0,8	14g	1	x	1.1	2.1	3.2	
93	s	5YR 2/8	1	9	3	0,7	12g	2	x	1.2	2.3	3.2	
94	s	5YR 4/8	1	8,3	3,1	0,6	11g	1	x	1.2	2.1	3.2	
95	s	5YR 5/0	1	8,4	3,7	0,7	18g	2	x	1.2	2.1	3.2	

96	s	5YR 2/4	1	6,5	3,3	1,1	18g	1	x	1,2	2,1	3,1	
97	s	5YR 2/4	1	6,7	3,5	0,7	16g	1	x	1,1	2,1	3,1	
98	s	5YR 7/0	1	3,6	2,2	0,7	15g	2		1,2	2,1	3,1	
99	s	5YR 9/0	1	7,3	3	0,5	25g	1		1,2	2,1	3,2	
100	s	5YR 5/0	1	7,1	3,5	1	18g	1	x	1,2	2,1	3,1	
101	s	5YR 6/0	1	7,4	3,3	0,7	17g	1	x	1,2	2,2	3,2	
102	s	2.5YR 7/3	2		3,5	0,7		1	x		2,2	3,1	
103	s	5YR 2/0	1	7,2	3,4	0,9	16g	1	x	1,1	2,1	3,1	
104	s	5YR 5/0	1	7,9	3,5	0,6	15g	1	x	1,2	2,1	3,2	
105	s	5YR 2/9	1	7,5	3,2	0,7	29g	1	x	1,1	2,1	3,1	
106	s	5YR 2/8	1	7,7	2,8	0,7	18g	1	x	1,2	2,1	2,2	
107	s	5YR 8/0	1	9,1	3,6	0,9	14g	1	x	1,1	2,2	3,1	
108	s	5YR 6/0	1	8,9	2,7	0,8	15g	1	x	1,3	2,2	3,1	
109	s	5YR 4/6	1	6,3	3,1	0,5	14g	1	x	1,2	2,1	3,2	
110	s	2.5YR 9/0	1	6,3	3,4	0,6	16g	1	x	1,1	2,1	3,1	
111	s	5YR 4/8	1	6,8	3	0,6	18g	1	x	1,1	2,3	3,2	
112	s	5YR 2/0	1	6,2	2,7	0,8	12g	1	x	1,1	2,1	3,1	
113	s	5YR 6/4	1	6,7	3,4	0,7	11g	1	x	1,1	2,1	3,1	
114	s	2.5YR 9/0	1	6,7	2,3	0,5	10g	1	x	1,1	2,1	3,1	
115	s	5YR 4/8	1	6,2	2,4	0,6	12g	1	x	1,1	2,1	3,1	
116	s	2.5YR 9/0	1	5,9	2,2	0,5	11g	1	x	1,2	2,3	3,2	
117	s	2.5YR 9/0	1	5,3	2,7	0,7	9g	1	x	1,2	2,3	3,1	
118	s	5YR 4/2	1	5,5	2,4	0,8	7g	1	x	1,2	2,3	3,1	
119	s	5YR 9/0	1	4,5	2,2	0,9	9g	1	x	1,2	2,3	3,2	
120	s	5YR 4/8	1	4,7	2,5	0,6	10g	1	x	1,2	2,2	3,2	
121	s	5YR 8 /0	1	5,2	2,9	0,6	8g	1	x	1,2	2,1	3,2	
122	s	5YR 6/4	2		2,3	0,8		1	x		2,2	3,1	
123	s	5YR 2/0	1	5,2	2,5	0,6	11g	1	x	1,2	2,2	3,2	
124	s	5R 6/6	1	3,4	2,7	0,6	4g	1	x	1,2	2,3	3,2	Reutilizada após fractura
125	s	5YR 9/0	1	3,5	2,2	0,6	3g	1	x	1,3	2,2	3,2	
126	s	3 YR 2/9	1	5,3	2,4	0,7	9g	1	x	1,2	2,2	3,2	
127	s	5YR 4/8	1	5,6	2,3	0,9	10g	1	x	1,2	2,1	3,1	
128	s	5YR 2/8	1	4,9	3	0,8	11g	1	x	1,2	2,3	3,2	
129	s	5YR 6/4	1	4,6	2,2	0,7	8g	1	x	1,2	2,3	3,2	
130	s	5YR 8 /0	1	4,7	2,2	0,6	6g	1	x	1,1	2,1	3,1	
131	s	5YR 4/2	1	4,2	1,9	0,6	5g	1	x	1,1	2,3	3,1	
132	s	5YR 2/9	1	5,7	1,8	0,8	7g	1	x	1,1	2,1	3,3	Peça com pedúnculo
133	s	5YR 4/2	1	4	2,2	0,4	4g	1	x	1,2	2,3	3,2	
134	s	5YR 2/4	1	4,5	2,3	1	8g	1	x	1,1	2,1	3,3	Peça com pedúnculo
135	s	2.5YR 2/0	1	5,5	2,3	0,7	6g	1	x	1,2	2,1	3,3	Peça com pedúnculo
136	s	5YR 2/8	1	4,7	2,1	0,8	7g	1	x	1,1	2,1	3,3	Peça com pedúnculo

Tabela 3

A				
Número de peças	Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulada
Peças em falta para o total	115	84,6	84,6	84,6
Tipo A	21	15,4	15,4	100,0
Total	136	100,0	100,0	

Tabela 4

B1				
Número de peças	Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulada
Peças em falta para o total	100	73,5	73,5	73,5
Tipo B/sub B1	36	26,5	26,5	100,0
Total	136	100,0	100,0	

Tabela 5

B2				
Número de peças	Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulada
Peças em falta para o total	111	81,6	81,6	81,6
Tipo B/ sub B2	25	18,4	18,4	100,0
Total	136	100,0	100,0	

Tabela 6

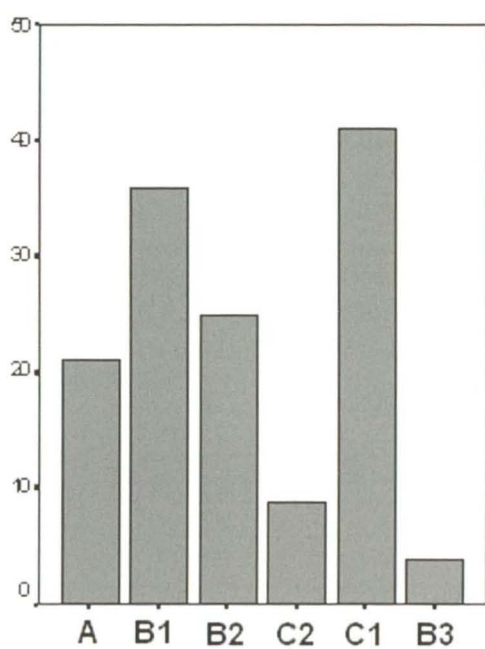
B3				
Número de peças	Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulada
Peças em falta para o total	132	97,1	97,1	97,1
Tipo B/sub B3	4	2,9	2,9	100,0
Total	136	100,0	100,0	

Tabela 7

C1				
Número de peças	Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulada
Peças em falta para o total	95	69,9	69,9	69,9
Tipo C/sub C1	41	30,1	30,1	100,0
Total	136	100,0	100,0	

Tabela 8

C2				
Número de peças	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulada
Peças em falta para o total	127	93,4	93,4	93,4
Tipo C/sub C2	9	6,6	6,6	100,0
Total	136	100,0	100,0	



Tipos e subtipos

Bibliografia

- ARNAUD, J., M., & GONÇALVES, J., L., (1990), "A Povoação Pré-Histórica de Vila Nova de São Pedro (Azambuja)", in Revista de Arqueologia da Assembleia Distrital de Lisboa, vol. 1, Lisboa, CML.
- ARNAUD, J., M., & GONÇALVES, J., L., (1995), "A Povoação Pré-Histórica de Vila Nova de São Pedro (Azambuja)", in Revista de Arqueologia da Assembleia Distrital de Lisboa, vol. 2, Lisboa, CML.
- ASTRUC, L., ANDERSON, (2004), "Vers unes restitution des gestes techniques" in Dossiers d'Archeologie, n° 290, Paris, pp.23-25.
- BLANCE, B., (1995), "Cooper Age Colonies seen from the eighties", in Trabalhos de Arqueologia, n°7, (Origens estruturas e relações das culturas calcolíticas da Península de Ibérica: actas das I jornadas de Torres Vedras 3-5 de Abril 1987), Lisboa, IPPAR, pp.54 a 58.
- BICHO, N., (1996), "Estatística e Quantificação em Arqueologia" in Al madan, II série, n°5, Almada, pp.142-148.
- BRÉZILLON, M., N., (1997), La dénomination des objets de pierre taillée, Paris, Éditions du Centre National de la recherche scientifique.
- CARDOSO, J., L., (1996), "Objectivos e Princípios Metodológicos da Arqueozologia" in Al madan, II série, n°5, Almada, pp.78-88.
- CARDOSO, J. L., (2002), "As Sociedades complexas do Calcolítico e Idade do Bronze", in Pré-história de Portugal, cap. IV, Lisboa, Verbo.
- CARVALHO, A., (1996), "O talhe de pedra e a transição Neolítico-Calcolítico no Centro e Sul de Portugal: Tecnologia e aspectos da organização da produção", Trabalhos de Arqueologia da EAM, n° 3/4, Lisboa, Colibri, pp. 41-60.
- CARVALHO, A., (2003), "O final do Neolítico e o Calcolítico no Baixo Côa (trabalhos do Parque Arqueológico do Vale do côa 1996-2000)", in Revista Portuguesa de Arqueologia vol.6 n° 2, Lisboa, IPA, pp. 229-273.
- CAVA-ALMUZENA, A., (1990), "Industria Lítica", in El Calcolítico a Debate, Sevilla, Junta de Andalucía, pp. 155-158.
- CHILDE, G., (1974), A Pré-História da Sociedade Europeia, trad. de António Neto, 2ª edição, Lisboa, Europa América.
- CHILDE, G., (1976), Para uma recuperação do passado: a interpretação dos dados arqueológicos, trad. Maria Luísa Penafiel, Lisboa, Bertrand.
- CLEMENTE-MARTÍN, J., (1994), El Transito del Neolítico al Calcolítico en el litoral del Sur-Oeste Peninsular, Madrid, Ministerio de Cultura, ICRBC.
- DAVEAU, S., (1980), "Espaço e tempo: evolução do ambiente geográfico em Portugal ao longo dos espaços pré-históricos", Clio, n°2, Lisboa, pp. 28-35.
- DAVIS, S., (1991), "When and why did prehistoric people domesticate animals?", in Some evidence from Israel and Cyprus in the natufi culture in the Levant, edited by Bar Yosef and François Valla International Monographs in Prehistory, Archeological Series, n° 1, pp.381-390.
- FORENBAHER, S., (1998), "Production and exchange during the portuguese chalcolitic: the case of bifacial flaked stone industries", in Trabajos de Prehistoria, n° 55, vol. 2, Madrid, pp. 55 a 71.
- GARCIA-SANJÚAN, L., (1999), Los orígenes de la estratificación social, Barcelona, Bar Iternacional Series 833,.
- GOMES, M., (1991), "Corniformes e figuras associadas de dois santuários rupestres do Sul de Portugal. Cronologia e interpretação", Al-masor, n° 9, Montemor-o-Novo, pp.17-74.
- GONÇALVES, V., (1989), Megalitismo e Metalurgia no Alto Algarve Oriental, 2 vols., Lisboa, INIC.
- GONÇALVES, V., (1993), "Emergência e desenvolvimento das sociedades agro-metalúrgicas", in História de Portugal, dir. de João Medina, vol. I, "Portugal na Pré História" coord. Victor Gonçalves, Lisboa, Ediclube, pp.183-211.
- INIZAN, M., L., BALLINGER, M., ROCHE, H., TIXIER, J., (1995), Technologie de la pierre taillée, Préhistoire de la pierre taillée tome 4, CREP, Paris, Meudon
- JALHAY E., e PAÇO, A., (1970), "A Póvoa Eneolítica de Vila Nova S. Pedro. Notas sobre a 1ª e 2ª campanhas de escavações – 1937 e 1938" in Trabalhos de Arqueologia de Afonso do Paço (1929-1968), vol. I, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp.229-274.
- JALHAY E., e PAÇO, A., (1970a), "A Póvoa Eneolítica de Vila Nova S. Pedro. Notas sobre a 3ª, 4ª e 5ª campanhas de escavações – 1939 e 1940 e 1941" in Trabalhos de Arqueologia de Afonso do Paço (1929-1968), vol. I, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp.275-306.
- JALHAY E., e PAÇO, A., (1970b), "A Póvoa Eneolítica de Vila Nova S. Pedro. Escavações de 1942" in Trabalhos de Arqueologia de Afonso do Paço (1929-1968), vol. I, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp.307-342.
- JALHAY, E., e PAÇO, A., (1971), "El Castro de Vila Nova de San Pedro", in Trabalhos de Arqueologia de Afonso do Paço (1929-1968), vol. 2, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp.183-266.
- JORGE, S., (1990), Caps. III, IV e V, in Nova História de Portugal, vol. I "Portugal das Origens à Romanização, dir. Jorge de Alarcão, Lisboa, Presença, pp.102-251.
- JORGE, S. (1994), "Colónias, fortificações, lugares monumentalizados. Trajectória das concepções sobre um tema do Calcolítico peninsular" in Revista da Faculdade de Letras, n°15 série 2, Porto, pp. 447-545.
- JORGE, S., (2002), "Castelo Velho de Freixo de Numão: um recinto monumental pré-histórico do norte de Portugal", in Património, n°3, Lisboa IPPAR, p.144-164.
- KUNST, M., 2000, "A guerra no Calcolítico na península ibérica" in Era-Arqueologia, n°2, Colibri, pp.128-142.
- KUNST, M., e UERPMANN, (2002), "Zambujal (Torres Vedras, Lisboa): relatório das escavações de 1994 e 1995" in Revista Portuguesa de Arqueologia, Vol. 5 n°1, Lisboa, IPA, pp.67-120.

LISBOA, I., (1995), "Trade and Interaction in the Early Chalcolithic of Central Portugal", in *Trabalhos de Arqueologia*, nº7, (Origens estruturas e relações das culturas calcolíticas da Península de Ibérica: actas das I jornadas de Torres Vedras 3-5 de Abril 1987), Lisboa IPPAR, pp.149-158.

MATEUS, J., MORENO-GARCIA, M., (2003), *Paleoecologia Humana e Arqueociências – um programa multidisciplinar para a arqueologia sob a tutela da cultura*, *Trabalhos de Arqueologia* nº 29, IPA, Lisboa.

PAÇO, A., (1955), "Castro de Vila Nova de São Pedro. Considerações sobre o problema da metalurgia, Sobretiro de Zephyrus VI, Seminário de arqueologia de la universidad de Salamanca, Salamanca.

RAMOS-MILLÁN, A., (1988), "La minería, la artesanía y el intercâmbio del sílex durante la Edad del Cobre en el Sudeste de la Península Iberica" in *Studia Arqueologica*, nº 88 - Minerales y metales en la pre-historia reciente. Algunos testimonios de su explotación y laboreo en la Península Iberica, Coord. Germán Delibes de Castro, Universidad de Valladolid, Valladolid, pp.13-14.

RAMOS-MILLÁN, A., (1997), "La Venta, una mina prehistorica en Andalucía" in *Man and Flint. Proceedings of the VIIth International Flint Symposium Warszawa-Ostrowiec-Swietokrzyski, September 1995*, Institute of Archeology and Ethnology Polish academy of Sciences, Warszawa, pp.72-78.

RENFREW, C., (1979), *Problems European Prehistory*, Edinburgh University Press, Edinburgh, R & R Clark Lolt.

SANTOS, N., (1995), "Povoamento Calcolítico na Estremadura. Problemas da análise de distribuição espacial", *Trabalhos de Arqueologia*, nº7, (Origens estruturas e relações das culturas calcolíticas da Península de Ibérica: actas das I jornadas de Torres Vedras 3-5 de Abril 1987), Lisboa, IPPAR, pp.141-148.

SAVORY, H., (1983-84), "Um corte através da fortificação interior do castro calcolítico de Vila Nova S. Pedro, in revista *Clio/Arqueologia*, nº 1-2, pp.19-29.

SEMENOV, S., (1964), *Prehistoric Technology*, trad. M. W. Thompson, London Cory Adam, Mackay,.

SHERRATT, A., (1987), "Wool, wheels and ploughmarks: local developments or outside instructions in Neolithic Europe?", *Bulletin Inst. of Archeology*, nº 23, London, pp.1-15.

SILVA, C., T., (1993). "Calcolítico" in *Pré-história de Portugal*, Universidade Aberta, Lisboa, pp. 197-293.

SIRET, L., (1913), *Questions de crhonologie et ethnographie ibériques*, Paris, Paul Genthner.

UERPMMANN, H., (1995), "Observações sobre a ecologia e a economia do Castro do Zambujal" in *Trabalhos de Arqueologia*, nº 7 - Origens, Estruturas e Relações das Culturas Calcolíticas da Península Ibérica: actas das I jornadas de Torres Vedras 3-5 de Abril 1987, Lisboa, pp. 47-53.

UERPMMANN, M., (1995), "A Indústria da Pedra Lascada do Zambujal" in *Trabalhos de Arqueologia*, nº7, (Origens estruturas e relações das culturas calcolíticas da Península de Ibérica: actas das I jornadas de Torres Vedras 3-5 de Abril 1987), Lisboa, IPPAR, pp.37 a 43.

VALVERDE LASANTA., M., (1993), *El taller de Cantarranas (El Puerto de Santa María. Cádiz): un ejemplo para la transición Neolítico – Calcolítico*, Cádiz, Universidad de Cádiz.

VICENTE, P. & SERRÃO, C., (1980), *Lâminas de Sílex, ovóides e sub-retangulares*, nº 4, Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto, Porto.

ZILHÃO, J., (1994), "A oficina de talhe neo-calcolítica de Casas de Baixo", in *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, nº 2, Edições Colibri, Lisboa, pp.35-46.

Agradecimentos:

Queria deixar aqui uma nota de agradecimento ao arquitecto Mário Varela Gomes, orientador do trabalho de fim de curso na Universidade Nova de Lisboa pelo auxílio bibliográfico que me prestou, bem como à Associação dos Arqueólogos Portugueses, em particular ao seu presidente, Dr. José Morais Arnaud, que me facultaram o material para estudo.



Associação dos Arqueólogos Portugueses

